

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS AO TRABALHO POLICIAL NO RIO DE JANEIRO

Cleber Nascimento do Carmo

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Rua André Cavalcanti, 106 – Rio de Janeiro - Brasil
cleberdoc@yahoo.com.br

Patrícia Constantino

Fundação Instituto Oswaldo Cruz
Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos, Rio de Janeiro - Brasil
paticons@ig.com.br

RESUMO

A cidade do Rio de Janeiro, assim como outras metrópoles latino-americanas, enfrenta sérios problemas de violência. Neste contexto, a polícia tem o papel de assegurar o bem-estar coletivo e manter a ordem pública. E o policial, por sua vez, atua como autor e, ao mesmo tempo, vítima de violência. Assim, este artigo apresenta uma análise estatística dos determinantes de situações de risco sofridas por policiais civis em duas cidades situadas no Estado do Rio de Janeiro, a capital fluminense e a cidade de Campos dos Goytacazes. Tendo como hipótese que o estudo destes determinantes se fundamenta na dinâmica da realidade social destes profissionais, características socioeconômicas, de condições de trabalho e de saúde dos dois grupos são avaliadas. Desta forma, considera-se que os perigos vividos durante o trabalho policial são diferenciados, numa grande cidade e numa cidade do interior. Neste estudo, a Regressão Logística foi utilizada para analisar dados de um plano amostral complexo, uma amostragem conglomerada de um estágio para a cidade do Rio de Janeiro e um censo para o município de Campos dos Goytacazes. Os resultados mostram que a escolaridade, o fato de exercer o trabalho para o qual foi treinado e realizar outra tarefa imediatamente após o plantão se mostraram significativas no modelo final. Não há distinção entre situações de riscos sofridas por policiais das duas cidades.

PALAVRAS CHAVE. Regressão logística, Polícia, Estatística.

ABSTRACT

Rio de Janeiro city, like many others metropolis in Latin America, faces serious problems of violence. In this context, police has the responsibility to guarantee collective peace and keep public order. And the police officer, on the other hand, acts like author and, at the same time, victim of violence. Therefore, this paper presents a statistical analysis of the determinants of risk situations suffered by police officers in two cities sited in the Rio de Janeiro State, the fluminense capital and Campos dos Goytacazes city. We have the hypothesis that these determinants are based on dynamics of social reality of those workers. In this way, socio-economic characteristics, work and health conditions of both groups are analyzed. The study considers that there are differences between the risks suffered during police job in the two cities, the capital city and one from countryside. In this work the Logistic Regression was used to study data from a complex survey design, one-stage cluster sampling to Rio de Janeiro city, and a census to Campos de Goytacazes. The results show that Schooling, To carry on the job that they were trained, and To do another task immediately after duty were significant in the final statistical model. There is no significant distinction between the risk situations suffered by police officers in the two cities.

KEYWORDS: Logistic regression, Police, Statistics.

1. Introdução

Este estudo tem como objetivo identificar determinantes de situações de risco sofridas por policiais civis do município de Campos dos Goytacazes comparados aos de policiais civis do município do Rio de Janeiro. Tendo como premissa que o estudo destes determinantes se fundamenta na dinâmica da realidade social destes profissionais, características socioeconômicas, das condições de trabalho e de saúde dos dois grupos são avaliadas. Desta forma, considera-se que as vivências de situações de risco são diferenciadas entre policiais da capital e do interior do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com MUNIZ (2000), por melhor que as polícias estaduais possam fazer, elas sozinhas são incapazes de responder às demandas específicas por segurança em tão diferentes realidades, mesmo em um único Estado. Ainda segundo o mesmo autor, uma vez que os cidadãos vivem nas cidades então questões associadas à insegurança só podem ser também solucionadas no âmbito das localidades. Embora, as agências policiais pertençam aos governos estaduais, uma parte expressiva dos instrumentos úteis e indispensáveis ao provimento da segurança pública está sob o controle do Município. Particularmente no campo da prevenção primária, as políticas municipais urbanas e sociais constituem a infra-estrutura da segurança pública as quais, por sua vez, operam como medidas auxiliares e complementares às ações de polícia. Os municípios possuem um vasto campo de atuação que não se restringe à criação das guardas municipais. Sendo assim, a realidade do Município diz muito sobre a segurança pública e sobre a polícia que se tem e o que dela se espera. Neste sentido, o estudo comparativo das vivências de situações de risco por policiais de dois municípios - interior e capital - se justifica, evidenciando que a configuração da cidade influencia a visão destes profissionais sobre o seu trabalho, seus riscos e sua saúde.

Para SOUZA (2005), sob o ponto de vista de policiais como trabalhadores, há uma falta de atenção específica a sua saúde que se faz em parte pela falta de conhecimento do setor serviço em geral e também por motivos históricos. O autor comenta ainda que a consideração da segurança pública como parte da construção democrática vem se consolidando apenas a partir dos anos 90, devido ao período de ditadura militar que opôs a população e intelectuais aos oficiais de segurança pública. Em estudos recentes, alguns autores como MINAYO (2003) e AMADOR (2002) mostram

como estes profissionais apresentam elevado grau de sofrimento no trabalho pela falta de reconhecimento social. Neste sentido, SOUZA (2005) comenta que a falta de reconhecimento por parte da população legitima e banaliza a violência que os vitima, muito mais do que a qualquer outro trabalhador, seja durante a jornada de trabalho ou nos períodos de folga ou lazer.

2. Conceitos e contexto

2.1. A polícia

Ao estudar polícia no Rio de Janeiro, faz-se necessário um breve resumo da origem dessa instituição no país, tendo em vista que, como capital federal, foi no Rio de Janeiro que sua história teve início no séc XIX, de acordo com HOLLOWAY (1997). Esse autor demonstra como, neste período, o controle social deixou de ser exercido pelas hierarquias personalistas até ser assumido pela autoridade impessoal das instituições estatais. Evidencia, dentre muitos e complexos aspectos, que a polícia do Estado do Rio de Janeiro, fundada num contexto colonial, servia para proteger a corte e as elites do país. Essa marca original persiste nas múltiplas adaptações vividas pela corporação.

A atuação da Polícia Civil no Estado do Rio de Janeiro está dividida em quatro áreas de policiamento: Capital, Niterói e arredores, Baixada e Interior; suas funções são essencialmente repressivas, sem desconsiderar o efeito preventivo que, indiretamente, decorre de sua atuação. Compete-lhe: investigar delitos e encaminhar resultados da investigação à Justiça Comum Estadual; instaurar inquéritos policiais; autuar em flagrante; efetuar prisão preventiva e temporária; efetuar buscas e apreensões mediante ordem judicial; realizar perícias e exames de corpo delito.

2.2. O risco

O conceito de risco tem sido tratado pelas Ciências Sociais a partir de diferentes perspectivas. O enfoque preferencial tem sido o do risco na perspectiva daquele que o percebe. Para os cientistas sociais, as avaliações de risco não podem deixar de lado fatores subjetivos (éticos, morais, culturais) que direcionam a opção dos

indivíduos. BECK (1997), por exemplo, propôs risco como uma noção central para a compreensão da sociedade contemporânea, cunhando a expressão *Sociedade do Risco* para designar o elevado grau de incerteza trazido, sobretudo, pelos acelerados avanços da ciência e da tecnologia. Segundo o mesmo autor, a globalização dos riscos altera, os cenários locais e mundial, transformando igualmente as esferas pública e política. Um bom lugar de visibilidade de tais questões na atualidade é o da segurança pública. Nesse campo é possível perceber o quanto a compreensão dos problemas, bem como as políticas de intervenção, transbordam as fronteiras dos países, exigindo alianças globais para dar conta do que surge, primeiramente, em nível nacional ou local.

SPINK (2002) discute a noção de risco-aventura no cenário da gestão da vida, apontando para um deslocamento importante dos sentidos modernos que recuperam a aventura como dimensão positiva da gestão dos riscos. Segundo o autor, a tendência à busca de sentido da vida na “emoção e adrenalina” é uma característica da dita sociedade de risco; comenta ainda que há uma dimensão positiva na ousadia que leva a descobertas. O autor lembra que hoje, mais do que antes, o ser humano se depara com novas modalidades de aventura, por exemplo, na prática de esportes radicais ou na busca da emoção exacerbada pelas drogas lícitas e ilícitas.

Por sua vez, GIDDENS (2002) fala de ambientes institucionalizados de risco, tais ambientes gerariam algumas situações dentro das quais os indivíduos podem escolher arriscar recursos escassos, inclusive suas vidas. Pode-se entender a instituição policial como um desses ambientes, onde o risco faz parte da natureza do trabalho.

Vários autores como DOUGLAS (1982), RHODES (1997), CASTIEL (1999), DESLANDES (1998) apontam que a mais comum distinção estabelecida em abordagens de pesquisas sobre saúde e comportamento de risco está entre paradigmas que interpretam o individual e o social como unidades de análise. No primeiro, comportamento de risco é conceituado como o produto de decisões e ações individuais associadas. No segundo, esse comportamento é pensado como sendo o produto de uma ação recíproca entre indivíduos, ações de outros indivíduos, suas comunidades e ambientes sociais. Segundo esses autores cada forma de vida social tem seu protótipo do risco. Temer o risco, junto com a confiança em enfrentá-lo tem algo a ver com o conhecimento e com a personalidade. Valores comuns levam a medos comuns. Na percepção de risco, segundo os autores, os seres humanos agem menos como indivíduos

e mais como seres sociais, que internalizam pressões coletivas e delegam seu processo de decisão às instituições às quais pertencem.

AMADOR (2002) fala da impossibilidade de expressão do medo no exercício do trabalho policial que por um lado parece relacionar-se à prescrição para a coragem no âmbito da organização prescrita do trabalho policial e, por outro lado, à possível existência de um código de regras, criado pelo grupo de trabalho, pressupondo o banimento do medo, código ao qual todos devem subordinar-se. Assim, a percepção do risco faz parte de uma “cultura policial”, assim como a impossibilidade de manifestação do sofrimento advindo desta vivência.

3. Sujeitos, Material e Métodos

Na presente investigação, são utilizados dados dos inquéritos sobre condições de trabalho e saúde dos policiais civis da cidade do Rio de Janeiro, coletados no ano de 2002 e dos policiais civis de Campos dos Goytacazes, coletados em 2004, ambos realizados pelo Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES/FIOCRUZ). A população alvo destes estudos compreende os policiais civis lotados em ambos os municípios, respectivamente. O presente estudo focaliza especificamente as situações de risco sofridas pelos policiais civis do setor operacional, ou seja, aqueles policiais responsáveis por produzir registros de crimes e de acidentes de trânsito e pela investigação de autoria de delitos.

Segundo MINAYO (2003), uma situação de risco, para os policiais civis, refere-se principalmente às situações de confrontos, sobretudo os armados, nos quais podem vir a falecer. O autor relata ainda que o sentido de risco adequado para descrever a situação intrínseca à profissão de policial combina a visão epidemiológica e a social comentando, que a primeira forneceria parâmetros quanto à magnitude dos perigos ou riscos sofridos; a segunda responderia pela capacidade e até pela escolha da profissão. Para fins de operacionalização, criou-se um indicador de ter sofrido uma situação de risco nos últimos 12 meses com base em 6 questões dicotômicas referentes à auto-avaliação reportadas pelos policiais, envolvendo situações consideradas mais perigosas ao bem-estar físico em atividade operacional. Este indicador é baseado nas seguintes situações: (1) ferimento por projétil de arma de fogo, (2) ferimento por arma branca, (3)

agressão física, (4) violência sexual, (5) tentativa de suicídio e (6) tentativa de homicídio. As categorias de respostas utilizadas seguiram o seguinte padrão de classificação: ausência e presença de situação de risco, de acordo com a resposta dada pelo policial. Caso ele reportasse não ter vivenciado nenhuma das situações adversas anteriormente descritas, sua resposta era codificada como ausência; caso contrário, a codificação recebida era a de presença de risco.

Para fins comparativos, uma amostra de 533 policiais civis foi estimada para a cidade do Rio de Janeiro e, para o município de Campos dos Goytacazes, optou-se por trabalhar com um censo dos policiais existentes na cidade, totalizando 100 policiais. Entretanto, devido a recusas no preenchimento dos questionários, apenas 89 policiais de Campos dos Goytacazes participaram do estudo. O desenho amostral da pesquisa no Rio de Janeiro é de uma amostragem de conglomerados em um estágio (onde a delegacia é o conglomerado de policiais). Como cada unidade policial amostrada (delegacia) no Rio de Janeiro representava um certo número de unidades não selecionadas na população, optou-se pela utilização de pesos amostrais para as unidades policiais de cada cidade estudada. SILVA (1999) comenta que, neste caso, um peso amostral deve ser especificado para cada unidade amostral investigada, refletindo a sua representação na população. Ainda segundo o autor, os pesos amostrais, denominados “fatores de expansão”, são calculados a partir da probabilidade de inclusão de uma delegacia na amostra. A escolha deste desenho amostral no Rio de Janeiro foi motivada pela premissa de que o trabalho de campo seria facilitado com a participação de todos os policiais de uma mesma unidade policial e porque o único cadastro disponível continha apenas o nome das unidades policiais com seus respectivos quadros de policiais, segundo os cargos.

Tabela 1: Distribuição das delegacias, segundo população e amostra.

Cidade	População		Amostra/Censo	
	Conglomerados	Policiais	Conglomerados	Policiais
Rio de Janeiro	64	3.063	21	533
Campos dos Goytacazes	2	100	2	89
Total	66	3.163	23	622

Fonte: Adaptado de MINAYO (2003).

Após a seleção das delegacias, a coleta das informações foi realizada por intermédio de questionários, previstos para serem autopreenchidos anonimamente, entregues em mãos num envelope lacrado. Para garantir comparabilidade, tais questionários eram similares para as duas cidades. As questões analisadas estavam distribuídas em três blocos, a saber: (1) características de perfil ou socioeconômicas, (2) condições de saúde e (3) condições de trabalho do policial.

O sistema de processamento de dados foi elaborado utilizando-se o *software* Epi-Data, versão 3.0. Em seguida foi feita uma crítica dos dados para se localizarem inconsistências, comparando-se as respostas de questões que se relacionavam de maneira lógica. Na fase de análise, os bancos foram convertidos para o *software* SPSS versão 13.0, para melhor manipulação dos dados e criação de alguns indicadores.

Como já citado anteriormente, a variável resposta de interesse é binária, podendo assumir o valor *zero* se o policial não tiver sofrido nenhuma das seis situações de risco para sua integridade física, e *um* em caso contrário. As variáveis explicativas utilizadas no estudo dizem respeito às características dos policiais agrupadas em quatro níveis ou blocos de abordagem teórica (perfil, lazer, condições de saúde e condições de trabalho). Foram testadas 24 variáveis independentes (ou explicativas), selecionadas pelo teste qui-quadrado ao nível de 5% (com exceção da variável cidade – Rio de Janeiro ou Campos dos Goytacazes – incluída por sua relevância teórica), como dispostas na Tabela 2:

Tabela 2: Variáveis selecionadas pelo teste de qui-quadrado ao nível de significância de 5%, de acordo com o nível de abordagem teórica.

Nível	Variável
Perfil	Tempo de serviço na polícia Nível de escolaridade Renda Líquida na Polícia
Lazer	Ter lazer domiciliar
Saúde	Ter sofrimento Psíquico Apoio Afetivo e Interação Positiva Apoio Material Ser fumante Sofrer úlcera Sofrer gastrite crônica Ter indigestão freqüente Tomar tranquilizantes, ansiolíticos, calmante ou antidistônico Ter problema com a família depois de beber Ter problema de saúde depois de beber Ter dificuldade na relação sexual depois de beber Deixar de usar preservativo nas rel. sexuais depois de beber Ter problema de saúde depois de beber Ter problema de agressividade depois de beber Precisar ingerir bebida alcoólica em decorrência do estresse
Trabalho	Exercer o trabalho para o qual foi treinado Realizar outra tarefa imediatamente após o plantão Exercer outra atividade remunerada Sofrer estresse intenso causado pelo trabalho

Os modelos estatísticos utilizados neste estudo têm por objetivo identificar determinantes das situações de risco sofridas pelos policiais civis do Rio de Janeiro e de Campos dos Goytacazes. Ao realizar o ajuste de um modelo estatístico, deseja-se identificar quais fatores importantes auxiliam na descrição da variação da característica de interesse.

Pode-se dizer que a estimativa da proporção de policiais que sofreram situações de risco nos últimos 12 meses é uma *proxy* para a probabilidade de um policial sofrer situações de risco. Esta probabilidade equivale à esperança matemática de uma variável aleatória y associada ao número de policiais civis que sofreram situações de risco, numa população de tamanho n . Aqui, y representa o número de sucessos (ter sofrido situações de risco) em n provas ou ensaios, que por sua vez, é sabido ter distribuição de probabilidade Binomial (n, p) . Considerando-se agora individualmente um único dado policial, a variável resposta seria uma variável indicadora.

A utilização de modelos de regressão logística, seja no caso de uma variável aleatória com distribuição Bernoulli ou Binomial, permite descrever como a probabilidade de um policial ter sofrido situações de risco está relacionada com as diversas variáveis explicativas introduzidas no modelo, o que nos possibilita estimar a probabilidade de uma policial sofrer situações de risco, a partir das características a ele associado. No modelo de regressão logística, é utilizada a função de ligação definida como $\text{logit}(p)$, que está diretamente associada à chance (ou vantagem) de um policial sofrer situações de risco, sendo:

$$\text{logit}(p) = \ln \left[\frac{p}{1-p} \right], \text{ no qual } \frac{p}{1-p} \text{ representa a vantagem em favor do}$$

evento situações de risco.

Em tais modelos, assume-se que o logaritmo das chances é linearmente relacionado com as variáveis explicativas, de tal forma que:

$$\text{logit}[P(A)] = \log \left[\frac{P(A)}{1-P(A)} \right] = \text{previsor linear } (\beta_1 X_1 + \dots + \beta_p X_p).$$

A utilização de regressão logística para ajustar modelos estatísticos para variáveis binárias é amplamente difundida, segundo KLEINBAUM (1994). Entretanto, cabe ressaltar que, no caso em questão, o modelo utilizado deve considerar o peso amostral e o plano amostral adotado, dado que as observações foram obtidas por meio de desenho amostral complexo.

Num primeiro momento, testaram-se modelos individuais para avaliar a relação entre cada variável independente e o indicador de situações de risco sofridas pelo policial em seu exercício profissional, de modo a eliminar possíveis efeitos de confundimento e que poderiam ocorrer numa primeira avaliação de um modelo contendo todas as variáveis da base de dados, obtendo-se 19 modelos com parâmetros significativos ao nível de 5%, pelo teste de Wald. Em seguida, ajustou-se o modelo saturado com as 24 variáveis e verificou-se também a contribuição de cada variável explicativa ao modelo através do teste qui-quadrado de Wald, ao nível de 5%. Nesta abordagem, quatro variáveis foram significativas ao nível de 5% de significância.

Numa etapa posterior aos testes individuais e do ajuste do modelo saturado, ajustou-se um modelo alternativo composto pelas variáveis com coeficientes significativos no modelo saturado e/ou nos modelos individuais, com o intuito de aprimorar o modelo final. Essa nova configuração trouxe mudanças nas variáveis que compunham o modelo, resultando num modelo parcimonioso com apenas três variáveis. A parcimônia foi concretizada pela análise da estatística de perda de ajuste, pela quantidade de variáveis no modelo e pela análise com os conceitos teóricos envolvidos. A partir deste modelo de efeitos principais, procurou-se identificar as três possíveis interações de ordem 2, separadamente em modelos isolados. Nenhuma interação mostrou-se significativa, ao nível de 5%, nesta etapa; sendo assim, o modelo final apresentado é composto apenas de efeitos principais, ou seja, sem interações.

Após a análise, cada variável independente apresenta uma razão de chances (*odds ratio*) que equivale ao risco de sofrer qualquer uma das situações adversas do exercício profissional de um policial. Para uma razão de chances igual a 1,0 consideramos um efeito nulo da variável; acima de 1,0 representa uma associação de risco ou um efeito causador, e uma razão de chances abaixo deste valor representa um efeito protetor. Para ratificar se houve risco ou proteção contra as situações de risco sofrido, o intervalo de confiança (IC) foi calculado e, caso o valor 1,0 estivesse dentro deste intervalo, a associação não seria significativa. A categoria base utilizada é a de ausência de situações de risco sofridas e suas razões de chances expressam se uma dada característica de perfil, relacionada às condições de saúde ou às de trabalho agem como fatores de proteção à integridade física do policial. Cabe ressaltar que os modelos foram computados utilizando-se o programa estatístico SUDAAN, versão 8.0.

4. Resultados

Na pesquisa, foi pedido aos policiais que avaliassem a frequência de risco que correm na sua atividade atual na Polícia. Houve diferença significativa ($p < .05$) entre as cidades. O risco foi considerado “constante” para 82,0% dos policiais do Rio de Janeiro e para 34,8% dos policiais campistas. Já a resposta “risco eventual” foi apresentada por 60,7% dos policiais de Campos e por 17,2% dos cariocas. A visão de que não há risco no exercício de suas tarefas foi apontado por 4,49% dos campistas e apenas 0,75% dos cariocas. Maiores proporções de policiais do Rio de Janeiro (40,5%) consideram que suas famílias estejam em risco constante, quando comparados aos policiais campistas (22,5%).

Quando indagados se nos últimos 12 meses haviam sofrido perfuração por arma de fogo, 4,0% dos policiais cariocas responderam afirmativamente e nenhum policial campista tinha sofrido agressão por tiros - o que leva a concluir que a percepção de risco é bem maior que a realidade vivenciada pelos profissionais. A ocorrência de agressões que afetaram à saúde durante o trabalho no último ano foi duas vezes maior entre os policiais do Rio (29,6%) em relação aos de Campos (14,8%, $p < .05$). Nessa categoria se incluem os ferimentos causados por projétil de arma de fogo e branca, agressão física, violência sexual, tentativa de suicídio e homicídio.

Todos os tipos de riscos investigados predominam entre os cariocas, com exceção de assédio ou agressão sexual, relatado igualmente por pouco menos de 3% dos policiais das duas cidades com um leve incremento em Campos dos Goytacazes. A presença de agressão física, também, é ligeiramente maior na cidade de Campos dos Goytacazes, mas sem configurar diferença significativa. A agressão verbal é a principal queixa relatada pelos policiais nas suas relações com os cidadãos. Chama atenção a diferença existente nos percentuais de tentativas de homicídio entre as duas cidades. Tais resultados estão dispostos na Tabela 3.

Tabela 3: Distribuição proporcional dos policiais, segundo os riscos sofridos durante o trabalho policial (N=622)

Riscos sofridos	Campos dos Goytacazes	Rio de Janeiro
Agressão verbal	31,8%	37,0%
Queda*	4,5%	12,9%
Tentativa de homicídio***	2,3%	12,3%
Agressão física	10,2%	9,7%
Perfuração por arma de fogo*	-	4,0%
Lesões por atropelamento ou acidente com veículo motorizado	-	1,6%
Acidentes com animais usados no trabalho policial	-	0,2%
Explosão com lesões (combustíveis, bujão de gás, explosivos, fogos, bomba, granada, etc.)	-	0,6%
Contaminação por bactérias ou outros microorganismos	1,1%	2,4%
Perfuração por arma branca	-	1,0%
Assédio ou agressão sexual	2,3%	2,6%
Envenenamento, intoxicação por gases ou fumaça	1,1%	-

*p<.05; **p<.005; ***p<.000

Os resultados da metodologia empregada nos modelos de regressão logística são listados a seguir:

Modelos individuais: As variáveis com parâmetros significativos (p<.05) são: (1) Escolaridade, (2) Renda líquida recebida na Polícia, (3) Lazer domiciliar, (4) Sofrimento psíquico, (5) Apoio afetivo e interação positiva, (6) Ser fumante, (7) se tomou tranqüilizante, ansiolítico ou calmante, (8) se depois de beber, já teve problemas com a família, (9) se depois de beber, já teve problemas de saúde, (10) se depois de beber, já deixou de usar preservativo nas relações sexuais, (11) se depois de beber, já teve problemas de agressividade, (12) se já precisou ingerir bebida alcoólica em decorrência do estresse, (13) se já sofreu úlcera, (14) se já teve gastrite crônica, (15) se já teve indigestão freqüente, (16) Exerce o trabalho para o qual foi treinado, (17) Realiza outra tarefa imediatamente após plantão, (18) Exerce outra atividade remunerada além da Polícia e (19) se o trabalho lhe causa estresse intenso.

Modelo saturado: Variáveis significativas pelo teste de Wald ($p < .05$): (1) Escolaridade, (2) lazer domiciliar, (3) Exerce o trabalho para o qual foi treinado e (4) Se realiza outra tarefa imediatamente após o plantão.

Modelo Saturado + Individuais: Nesta configuração, foram testadas as variáveis com coeficientes significativos no modelo saturado e/ou individuais. A configuração final do modelo é então composta pelas variáveis: (1) Escolaridade, (2) Exerce o trabalho para o qual foi treinado e (3) Realiza outra tarefa imediatamente após o plantão. O modelo foi confirmado pelas interações não significativas. As razões de chances para o modelo final resultante são mostradas na tabela a seguir.

Tabela 4: Razões de Chance e Intervalos de Confiança no modelo final para situações de risco sofridas pelos policiais civis (N = 416)

Variáveis explicativas		Razão de Chances (OR)	Intervalo de Confiança
Perfil			
Escolaridade	Até 2º Grau Incompleto	1,91	(0,680 5,360)
	2º Grau Comp./ Sup.		
	Incomp	1,98	(1,250 3,140)
	Superior completo ou mais	1,00	-
Condições de Trabalho			
Exerce o trabalho para o qual foi treinado	Não	2,11	(1,280 3,480)
	Sim	1,00	-
Realiza outra tarefa imediatamente após o plantão	Sempre ou muitas vezes	5,17	(2,530 10,530)
	Às vezes ou poucas vezes	2,16	(0,990 4,680)
	Nunca	1,00	-

Na Tabela 4, nota-se que apenas variáveis de Perfil e de Condições de Trabalho evidenciaram significância estatística na configuração final do modelo.

Policiais com segundo grau completo ou superior incompleto de escolaridade possuem cerca de uma vez mais de chance (OR = 1,98) no sofrimento de situações de risco quando comparados aos policiais que possuem nível superior. Tal resultado sugere que policiais com menor níveis de escolaridade estão mais propensos a sofrerem situações de risco.

O fato de exercer o trabalho/tarefa para o qual foi treinado também se apresentou como estatisticamente significativo ($p < .05$) no que se refere a sofrer situações de risco. Aqueles que afirmaram não exercer o trabalho/tarefa para o qual foram treinados apresentam uma chance 1,11 vezes maior de sofrer situações de risco em relação aos que exercem devidamente o trabalho/tarefa para o qual foram treinados.

Realizar outra tarefa imediatamente após o plantão mostrou-se como um forte agravante sobre a variável de desfecho, quando comparada com policiais que nunca fizeram isto. Os policiais que afirmaram ter esta atitude sempre ou muitas vezes apresentaram chances 4,17 maiores de passarem por situações de risco, em relação aos que não nunca realizaram tarefas imediatamente após o plantão.

As demais categorias de variáveis apresentadas na Tabela 4 não evidenciaram significância estatística, o que nos impede de fazer qualquer tipo de comentário.

5. Conclusões

Este estudo apresentou uma aplicação da técnica regressão logística para analisar e comparar as situações de riscos sofridas por policiais civis operacionais na capital do estado do Rio de Janeiro e numa cidade do interior, no caso, Campos de Goytacazes. Buscou-se entender como se forjam as identidades de ambos frente a realidades sociais e criminais tão diferentes e que novidades a comparação de dois grupos ao mesmo tempo homogêneos e tão diferentes poderia trazer de novo para o conhecimento e para as estratégias de implementação da Política de Segurança Pública no Estado do Rio de Janeiro.

No estudo da realidade da prática profissional nas duas cidades o risco foi colocado como marco diferenciador entre os dois universos. Se por um lado os policiais campistas se vêem em vantagem em relação aos cariocas por estarem menos expostos aos riscos do cotidiano, estes “se queixam” e se sentem menos valorizados por não estarem no confronto direto com a criminalidade, dificultando a afirmação da identidade policial. Os dois pólos - excesso e ausência de risco - configuram-se como um entrave à realização profissional, por identificarem como função exclusiva da polícia apenas o confronto direto com a criminalidade. Neste sentido, LIMA (2002) relata que esse pensamento de que a polícia deve ser heróica e que o confronto direto é que é o modelo

ideal do trabalho policial deixa de levar em consideração exatamente aquilo que é a superioridade do Estado: a sua política de proteção à população de maneira geral, o que inclui, certamente, policiais e transgressores, mas também transeuntes e seus acompanhantes.

Um fato interessante obtido com a técnica utilizada foi que a cidade em que os policiais estão lotados não se mostrou significativa a um nível de 5% de significância em nenhum momento. Mesmo assim, não se pode negar a vulnerabilidade da categoria. Mesmo para os policiais de Campos onde o número de incidentes os envolvendo é baixo, o *ser policial* transcende a linha territorial da cidade.

O uso da técnica de regressão logística permitiu também avaliar a razão entre vantagens (chances) de um dado policial sofrer uma ou mais das situações de risco no seu exercício profissional, variando-se os níveis dos fatores explicativos (isto é, de acordo com suas características de perfil e de condições de trabalho). O modelo final encontrado nos permitiu também examinar o perfil do policial com maior probabilidade de sofrer situações de risco para sua integridade física. Assim sendo, salienta-se a importância da referida técnica estatística no estudo de dados sociais, muitas vezes difíceis de se quantificar as ocorrências dos fenômenos.

6. Referências bibliográficas

AMADOR, F.S. Violência policial: verso e reverso do sofrimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; 2002.

BECK, U., GIDDENS, A., LASCH, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP; 1997.

CASTIEL, L.D. A medida do possível: saúde, risco e etnobiociência. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1999.

DESLANDES, S.F., CAIRAFFA, W.T.M. Análise qualitativa da percepção de risco e das redes sociais e de uso entre usuários de drogas injetáveis. Brasília: CN-DST/AIDS/UFMG/FIOCRUZ; Relatório Final de Pesquisa, 1998.

DOUGLAS, M. & WILDAVSKY, A.. Risk and culture. Berkeley: University of California Press; 1982.

GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2002.

KLEINBAUM, D.G. Logistic regression: a self learning text. New York: Springer; 1994.

LIMA, C. Estresse policial. São Paulo: AVM; 2002.

MINAYO, M.C.S., SOUZA, E.R.. Missão investigar: entre o Ideal e a realidade de ser policial. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.

MUNIZ, J. O papel dos municípios na política de segurança. Belo Horizonte: [s.n.]; 2000. (mimeo)

RHODES, T. Risk theory in epidemic times: Sex, drugs and social organisation of risk behavior. *Sociol. Health & Illness*; 19: 208-227, 1997.

SILVA, D.B.N, MELLO, D.N.B, LIMA, J.M. Determinantes do desemprego em comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro. In: Encontro Nacional de Estudos do Trabalho, 6., [S.l.]: ABET, 1999.

SOUZA, E.R & MINAYO, M.C.S. Policial, risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(4):917-928, 2005.

SPINK, M.J., MEDRADO, B., MELLO, R.P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*; 15: 151-164, 2002.